



FRATURA SAGITAL DE TERCEIRA FALANGE: RELATO DE CASO

Gabriel Zafanelli¹, João Angst¹, Katyline henrich¹, Rúbia Schallenberger da Silva¹,
Rodrigo Silveira Machado¹, Rodrigo Bastos²

Palavras-chave: Falange. Fratura. Claudicação. *Tubecast*.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Ramanathan (2008), as fraturas de terceira falange são muito comuns em equinos e temos que considerar um dos maiores diferenciais no diagnóstico de dor associada à extremidade dos membros. Não apresentam predisposição por raça, sexo ou idade, podendo ocasionar também em potros jovens (AUER, 2008). Um estudo retrospectivo de 2.611 exames radiográficos realizados em equinos Puro Sangue Inglês (PSI) atendidos no Serviço Veterinário do Jockey Clube de São Paulo teve incidência de 3% de fratura de terceira falange (RIBEIRO; RIBEIRO, 2008). O cavalo normalmente demonstra dor súbita e claudicação moderada a severa. Casco e a região da falange distal demonstram-se quentes ao toque e o pulso das artérias digitais começam a ficar intenso. Há predominância de sinais subjetivos como dor e impotência funcional devido a posição da falange que é protegida pelo casco, torna-se difícil e indireta a exploração desse osso. O casco que recobre a falange normalmente impede as deformações características de fraturas (PIRES; LIGHTLOWLER, 1991). O diagnóstico pode ser confirmado por meio de radiografias, definindo sua localização e o tipo de fratura. Uma fratura pode não ser vista no exame radiográfico inicial por causa da borda normalmente irregular da terceira falange, e também bloqueio da parede do casco, que evita possíveis desvios da fratura e fragmentos ósseos. Com isso, torna-se indispensável a realização de várias radiografias, em diversos ângulos, para o reconhecimento preciso da fratura.

¹ Discentes do curso de Medicina Veterinária, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. zafanelligabriel@gmail.com, joao_angst@hotmail.com, katty.henrich@live.com, ruschalle@gmail.com, rodrigo@vittafortsm.com.br

² Docente da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. rbastos@unicruz.edu.br



2 MATERIAIS E MÉTODOS

Foi atendido no Hospital Veterinário Unicruz, uma égua crioula, de 6 anos com aproximadamente 400 kg. O proprietário relatou que teria tomado um coice de outra égua há aproximadamente 40 dias e desde então vem claudicando. Ao exame clínico apresentou claudicação grau III no membro pélvico esquerdo, e no teste com pinça de casco respondeu positivamente, então foi realizado um estudo radiológico nas incidências dorso plantar casco em pinça e latero-medial, onde se diagnosticou uma fratura sagital na terceira falange. Como tratamento optou se por uma imobilização externa com gesso sintético, e para o procedimento a paciente foi sedada com 20 mcg/kg de cloridrato de detomidina 1%, por via intravenosa, para realização do procedimento de imobilização do membro acometido. Foi inicialmente usada uma malha tubular e algodão ortopédico para proteger a pele e em seguida o gesso sintético, desde o casco até o terço médio do terceiro metatarsiano, usando o método tubecast, com o objetivo de estabilizar a linha de fratura, imobilizando a articulação metatarso falangeana. Como a paciente, já tinha tomado vários dias de AINES, optou se pela não utilização do mesmo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a chegada da égua no Hospital Veterinário da Unicruz, e com a definição clínica de claudicação de grau III com alteração postural, suspeitou se de uma fratura de terceira falange. Segundo Pires e Lightowler (1991) citam que a dor local é a primeira manifestação clínica da fratura e determina uma claudicação de terceiro a quarto grau, em virtude da dor o animal demonstra uma reação postural de alívio, flexionando as articulações distais do boleto e falanges, pé pendente e apoio em pinça sem carga. Com as imagens do Raio-X, visualizou-se uma linha radiolucida sagital na terceira falange.(Figura 1), confirmando o diagnóstico de fratura da terceira falange, o que vem de encontro a literatura citada acima.

A paciente permaneceu com o gesso por dois meses, e no seu retorno ao Hospital Veterinário foi radiografada novamente (figura 2), sendo diagnosticada uma união parcial da fratura. Como o Grau de claudicação diminui para grau I, foi retirado o gesso e recomendado repouso por mais um mês. Então nas imagens abaixo há radiografias comparativas da evolução do caso.



Figura 1

Figura 2

FONTE: Hospital Veterinário Unicruz, Setor de Diagnóstico por Imagem 2019.

Para a correção da fratura há vários métodos de reparação, nesse caso foi escolhido o método *tubecast* (figura 2) que consiste em engessar a pata do animal do terço médio do terceiro metatarsiano para distal até o casco sem passar gesso por baixo do mesmo, formando um “tubo”, diminuindo o movimento da articulação, assim facilitando a formação do calo ósseo. Como a paciente já estava ferrada, optou se em manter a ferradura para sustentar e servir de apoio para o gesso, evitando assim, a contração dos talões. O tratamento das fraturas de terceira falange pode ser conservativo, voltado para imobilização da fratura e descanso, ou cirúrgico, em que pode se colocar um parafuso no osso (RIBEIRO; RIBEIRO, 2008). Geralmente, fraturas articulares têm um prognóstico pior em relação das não articulares (AUER, 2008). Corroborando com a literatura o método de eleição foi a imobilização externa com gesso sintético.

Figura 2. Gesso sintético aplicado no membro posterior esquerdo (*tubecast*) para estabilização da articulação metacarpo falangeana.



FONTE: ZAFANELLI, 2019.



Outro método utilizado também é o método conservador com ferrageamento, o que consiste em uma ferradura fechada confeccionada com quatro guarda cascos laterais, associado a uma barra soldada no centro da sola sob a ranilha (ferradura em coração) e massa epóxi no espaço da sola para evitar expansão da parede do casco, ou afundamento da sola e travar o movimento (DECONTO et al., 2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a fratura sagital de terceira falange é muito comum nos equinos, precisando de um diagnóstico preciso para eleger o tratamento adequado para a formação de um calo ósseo e uma boa recuperação para o animal.

REFERÊNCIAS

AUER, J. Fracture management in the hoof. In: SOUTHERN EUROPEAN VETERINARY CONFERENCE, 3., 2008, **Barcelona. Proceedings...** Barcelona: Southern European Veterinary Conference, 2008

DECONTO, Ivan et al. Ferrageamento e exercício espontâneo visando ao tratamento de fraturas de falange distal em equinos. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, v. 8, n. 3, p. 353-357, 2010.

NETO, Luismar Dália . Campus de patos-PB **curso de Medicina Veterinária**. 2014.

PIRES, Antonio; LIGHTOWLER, C. **Patologia especial del pie del caballo**. Hemisferio sur, 1991.

RAMANATHAN, B. How to manage fracture of distal phalanx with a therapeutic shoe. In: **INTERNATIONAL CONGRESS OF WORLD EQUINE VETERINARY ASSOCIATION**. 2008. p. 551-553.

RIBEIRO, Gustavo Henrique Coutinho. Anatomia, biomecânica e principais patologias do membro distal de equinos: quartela e casco. **Seminário apresentado Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal da Escola de Veterinária e Zootecnia. Universidade Federal de Goiás, Goiás**, 2013.

RIBEIRO, M. G.; RIBEIRO, LVP. Fratura de falange distal em equinos. **Revista Brasileira de Medicina Equina**, v. 19, p. 6-8, 2008.